

Ano Paulino
28 de junho de 2008 a 29 de junho de 2009

Os Padres e Irmãos Paulinos estão em festa e, juntamente com toda Família Paulina, comemoram o ANO PAULINO dedicado a São Paulo apóstolo. Este ano jubilar será realizado no Brasil e em todo mundo e foi proclamado pelo Papa Bento XVI por ocasião dos dois mil anos do nascimento de São Paulo.

O ANO PAULINO iniciará no dia 28 de junho de 2008 e concluirá no dia 29 de junho de 2009, terá caráter ecumênico, pois São Paulo é o Apóstolo da Universalidade.

O apelo do Papa, na Basílica de São Paulo, em Roma, é para que em todas as dioceses, paróquias, santuários, comunidades e congregações, de modo especial onde São Paulo é o padroeiro, sejam programadas iniciativas culturais e celebrativas para este período.

Assim, teremos a oportunidade de redescobrir o Apóstolo Paulo lendo suas cartas, aprofundando seus preciosos ensinamentos e meditando sobre sua vigorosa espiritualidade de fé, esperança e caridade.

Os Padres e Irmãos Paulinos e a Família Paulina, fundados pelo bem-aventurado Tiago Alberione a exemplo de Paulo, de quem traz o nome e o espírito, têm a missão de anunciar o Evangelho nas mais diversas formas e linguagens da comunicação.

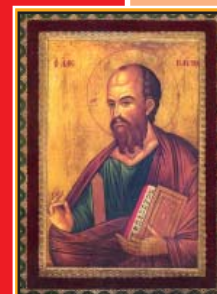
Neste ano de comemorações, mais do que nunca, a animação pastoral, que se inspira no incansável trabalho do discípulo e missionário Paulo junto às comunidades, será incrementado.



REFLETINDO COM PAULO

2. A COMUNIDADE: UNIDADE NA DIVERSIDADE

reflexão para o mês de agosto 2008



Pe. José Bortolini, ssp

REFLETINDO COM PAULO

1. A COMUNDADE: UNIDADE NA DIVERSIDADE

Pe. José Bortolini

(Textos de apoio: Romanos 16,1-15)

Rm 16,1-15 é um elenco de nomes à primeira vista sem importância. Olhando essa lista com mais atenção acabaremos descobrindo um tesouro de informações sobre a composição das comunidades romanas.

São 11 mulheres e 18 homens. É evidente que as comunidades de Roma não se compunham somente dessas pessoas. Certamente os cristãos anônimos são muito mais numerosos dos que têm seus nomes registrados. Todavia, surpreende o fato de Paulo conhecer tantas pessoas sem nunca ter estado em Roma.

I. Conhecendo pelo nome

Paulo conhece pelo nome 28 pessoas das comunidades romanas. Os cristãos dessa cidade ainda não conhecem Febe, provavelmente a portadora da carta aos Romanos. Logo mais fará parte da igreja de Roma. Se levarmos em conta a condição da mulher naquele tem-

po, salta logo à vista um aspecto importante: a injustiça que se cometeu ao falar negativamente da relação Paulo/mulheres.

Para os antigos, o nome podia revelar a origem (raça) e até a condição social da pessoa. Esse dado está presente também em alguns lugares do nosso país. Mas já não é possível, a partir do nome de alguém, descobrir sua condição social. No tempo de Paulo, contudo, pelo nome podia-se conhecer, com boa dose de segurança, a raça (judeu ou pagão) e a condição social (escravo ou não) da maioria das pessoas (no quadro, a interrogação é sinal de que não há certeza absoluta).

As mulheres: Febe é de origem pagã, bem como Trifena e Trifosa (provavelmente gêmeas) e Olimpas. Com boa dose de segurança podemos afirmar que Júnia, Júlia e a irmã de Nereu também fossem de origem pagã, ao contrário de Prisca, que é judia, e de Maria e da mãe de Rufo, que provavelmente também o são. Entre as mulheres figura ainda Pérside, nome comum a mulheres escravas. Seria, portanto, uma escrava liberta.

Os homens: Áquila, marido de Prisca, é sem dúvida judeu. Eles tinham sido expulsos de Roma por decreto do imperador Cláudio (ano 49). Refugiaram-se em Corinto (At 18,2). Sete anos depois estão novamente em Roma. Aristóbulo e Herodião também são judeus.

Não temos certeza absoluta se Rufo fosse judeu, mas os estudos apontam para uma resposta positiva. A maioria dos homens é de origem pagã: Epêneto, Ampliato, Urbano, Estáquis, Apeles, Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas. Não há absoluta certeza se Andrônico, Narciso, Filólogo e Nereu fossem pagãos.

Entre os homens há alguns nomes típicos de escravos: Ampliato, Urbano, Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas e Hermas. Mais de 1/3 dos homens da comunidade de Roma era de escravos libertos.

Prisca e Áquila são marido e mulher. O fato de a esposa ser citada antes do marido denota que ela gozava de consideração superior ao marido. Não sabemos a que se deva isso. Provavelmente Paulo encontrou maior apoio em Prisca do que no marido dela. Há sinais fortes de que Andrônico e Júnia, Filólogo e Júlia também fossem casais cristãos.

Na comunidade de Roma há dois homens de provável condição social elevada: Aristóbulo e Herodião. São minoria. Aliás, se levarmos em conta os “títulos” que Paulo dá às pessoas que conhece pelo nome, pouco se diz a respeito desses dois. Não sabemos se o casal Prisca e Áquila fossem ou não de condição social elevada. Sendo missionários itinerantes (Roma-Corinto-Éfeso e novamente Roma), é provável que as comunidades

dessas cidades os ajudassem nas despesas de viagem em vista da evangelização.

A comunidade de Roma, portanto, é heterogênea. Sua riqueza está na diversidade de origem (judeus/não-judeus), de sexo (homens/mulheres) e de condição social (poucos de condição social elevada/muitos que tinham sido escravos).

II. Reconhecendo os dons

Mais da metade das pessoas citadas em Rm 16,1-15 recebe de Paulo um título carinhoso de reconhecimento pelo que cada um fez. Febe, diaconisa da igreja de Cencrêia, é chamada de “nossa irmã”, expressão muito cara a Paulo. Para ele, o Evangelho cria comunidade e gera fraternidade, uma grande casa de “irmãos”. Prisca e Áquila são “colaboradores meus”, sinal de que Paulo não trabalhava sozinho, mas em sintonia e comunhão com muitas pessoas. Ficamos sabendo que Epêneto foi “o primeiro convertido da Ásia”, e Paulo o trata com afeto, chamando-o de caro. Maria “trabalhou muito por vocês”, os cristãos de Roma.

Andrônico e Júnia merecem atenção especial. Além de chamá-los de “parentes”, afirma-se que se converteram ao Evangelho antes de Paulo. São, pois, da primeira hora. Além disso, somos informados de que estiveram

presos com Paulo. Impossível saber onde e quando. Contudo, a estima por eles é muito grande. Paulo os chama de “apóstolos importantes”. Nesse tempo, havia um grupo conservador que admitia como apóstolos somente os que estiveram com Jesus de Nazaré. Paulo supera essa visão estreita, indo muito além das expectativas: todos os que se comprometem com a evangelização podem ser considerados apóstolos, inclusive as mulheres. Essa ousadia não foi compartilhada por muitos. Tanto é que alguns, escandalizados com o fato de uma mulher ter sido chamada de “apóstolo”, quiserem ver em Júnia um nome masculino (Júnias). Foi isso que apareceu em alguns manuscritos antigos (e nossas traduções não são homogêneas).

Amplíato é chamado de “meu caro amigo no Senhor”. Paulo recorda que Urbano colaborou na evangelização (“nosso colaborador em Cristo”), e manifesta seu afeto por Estáquis (“caro”). Aqui podemos sentir que a evangelização cria laços de amizade muito fortes. Apeles é “um bom cristão”. As demonstrações de amizade continuam. Pérside é “querida”, e a mãe de Rufo (“eleito do Senhor”) se torna “mãe” de Paulo (“é minha mãe também”). Ele reconhece o trabalho de Trifena e Trifosa (“trabalharam pelo Senhor”) e a dedicação de Pérside (“trabalhou muito pelo Senhor”).

III. Igrejas domésticas

O que vimos até agora refere-se às pessoas que Paulo conhecia. É bom ter presente que algumas delas não nasceram em Roma (por exemplo, Febe, provavelmente Epêneto, Andrônico, Júnia...). No centro do império romano constituíram igrejas domésticas. Podemos detectar, em Rm 16,1-15, pelo menos cinco agrupamentos diferentes. Isso nos leva a ampliar a compreensão que tivemos até o momento a respeito dos primeiros cristãos de Roma. De fato, ficamos sabendo que um grupo se reúne na casa de Prisca e Áquila. Não seria Prisca a coordenadora dessa comunidade? Não seria por essa razão que Paulo a cita antes do marido?

Na casa de Aristóbulo se reúne, provavelmente, outro grupo cristão (“familiares”), diferente do que freqüenta a casa de Prisca e Áquila. Sendo Aristóbulo uma pessoa de condição social elevada, podemos afirmar que teria colocado sua casa à disposição para as reuniões e celebrações da comunidade. De fato, as casas dos pobres – de um cômodo só – não dispunham de espaço suficiente para o encontro de várias pessoas.

Ficamos sabendo que outro grupo tem como ponto de reunião a casa de Narciso. Pelo que parece, Paulo não conheceu Narciso, mas tem notícia de que sua casa abriga um grupo cristão.

O quarto grupo vive com Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátroba e Hermas. Como dissemos, esses homens deviam ser escravos libertos. Com eles vive um grupo de “irmãos”. Não teria esse grupo um rosto próprio, pelo fato de os nomes citados serem todos de pagãos e de escravos libertos?

O último grupo do qual temos conhecimento vive com Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, e Olimpas. Os nomes citados apontam para pessoas de origem pagã.

As comunidades de Roma, às quais Paulo escreveu a carta aos Romanos, eram pelo menos cinco, e se reuniam pelas casas, constituindo igrejas domésticas. Ao falar de um grupo que vive com Asíncrito e seus companheiros, e outro grupo que vive com Filólogo, Júlia e companheiros, Paulo deixa entrever que as comunidades de Roma entenderam a família num sentido novo. Não se trata da família patriarcal do Antigo Testamento, nem da família no sentido que lhe poderíamos dar hoje (marido-mulher-filhos). Certas comunidades romanas fundiram as famílias particulares numa grande família em que já não contam os laços de sangue ou parentesco, e sim os laços da fé e do amor que geram novas relações.

A DIVERSIDADE DE DONS: RIQUEZA E DESAFIOS

(Texto de apoio: Romanos 12,2-21)

Paulo conhecia também os dons de cada pessoa das comunidades romanas que citou em 16,1-15. E conhecia também os desafios de viver em comunidade.

I. Nova liturgia (12,1-2)

No Antigo Testamento, os sacrifícios de animais constituíam uma das formas clássicas de culto (liturgia) e de comunhão com Deus. Sabemos que a vida, morte e ressurreição de Jesus ajudaram os primeiros cristãos a rever essa forma de culto e comunhão. Aliás, vários textos do Novo Testamento tratam desse tema. Para as primeiras comunidades cristãs não restam dúvidas de que os sacrifícios de animais perderam o sentido. Como, então, entrar em comunhão com Deus? Para Paulo, o novo culto que as comunidades prestam a Deus não passa pelo sacrifício de animais, e sim pela entrega da própria vida, à semelhança de Jesus: *“Irmãos, pela misericórdia de Deus, peço que vocês ofereçam os próprios corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Esse é o culto autêntico de vocês”* (12,1). Podemos ir além, afirmando que o

corpo de quem se compromete com a evangelização é o lugar do encontro e da comunhão com Deus. A evangelização é autêntico “sacerdócio”. Quem a ela se entrega é, ao mesmo tempo, “sacerdote” e sacrifício vivo que agrada a Deus. Todavia, como veremos em seguida, não se trata de corpo em sentido físico. Paulo está também falando de “corpo social, ou seja, da comunidade-igreja doméstica”.

Como acontece esse “sacerdócio”? O próprio texto esclarece: *“Não se amoldem às estruturas deste mundo, mas transformem-se pela renovação da mente, a fim de distinguir qual é a vontade de Deus: o que é bom, agradável a ele, o que é perfeito”* (12,2). Os sacerdotes do Antigo Testamento submetiam a um rigoroso exame de pureza ritual os animais que deviam ser oferecidos em sacrifício, a fim de ver se eram aptos para isso. Para Paulo, uma vez abolido o sacrifício de animais, cabe ao agente de pastoral e à comunidade-igreja doméstica a tarefa de discernir o que agrada ou não a Deus. Em outras palavras, rejeitar como “estrutura deste mundo” tudo o que não sintoniza com o projeto de Deus e promover tudo o que aspira pela vida e pelo projeto de Deus. Portanto, o não-conformismo com a situação que vive o nosso povo deveria ser o ponto de partida para a evangelização e a concretização do Reino.

II. Os “sete dons” da diversidade (12,6-8)

Paulo conhecia as comunidades de Roma “por dentro”. Como na maioria de suas cartas, reconhece os dons presentes em cada comunidade e estimula as pessoas ao crescimento. É o que acontece em Rm 12,6-8, onde são elencados “sete dons” ou ministérios leigos. Certamente Paulo não teve a pretensão de esgotar o assunto. Sabemos, porém, que o número 7 tem, na Bíblia, caráter simbólico, denotando totalidade, perfeição. Ao falar de 7, estaria englobando todos os ministérios existentes em todas as comunidades.

1. O primeiro dom citado é a **profecia**: *“Quem tem o dom da profecia, deve exercê-lo de acordo com a fé”* (v. 6). Lendo a primeira carta aos Coríntios ficamos sabendo que também as mulheres profetizavam nas comunidades fundadas por Paulo. O que é a profecia? Não se trata de previsão de futuro. Para Paulo, profecia é a lucidez de ler o presente, discernir o que é “estrutura deste mundo”, impedindo a comunidade de caminhar rumo ao futuro. Nem todos têm o dom da profecia, mas todos podem prestar atenção àquilo que os profetas dizem. A profecia fundamenta a ideologia da comunidade e aponta para a utopia do Reino. Sem profetas a comunidade-igreja doméstica acaba se amoldando às estruturas deste mundo.

2. Em segundo lugar vem o **serviço**: “*se tem o dom do serviço, que o exerça servindo*” (v. 7a). Temos a impressão de que nas comunidades romanas o serviço corria o risco de ser um belo título pendurado na parede. Ao dizer “que o exerça servindo”, Paulo estaria mostrando que o serviço é coisa prática, e não teoria. Sem a dimensão do serviço, as comunidades se tornam competitivas e acabam se amoldando às estruturas deste mundo, onde o interesse suplanta a gratuidade, e o poder se torna dominação.

3. Em terceiro lugar vem o **ensino**: “*se do ensino, que ensine*” (v. 7b). O ensino das comunidades primitivas corresponde praticamente à catequese atual. Baseava-se fortemente na Bíblia (Antigo Testamento) e no anúncio oral dos primeiros discípulos de Jesus. No tempo de Jesus, havia os doutores da Lei. Eram os responsáveis pela interpretação da Bíblia e por sua aplicação na vida do povo. Mas Jesus criticou duramente a ideologia dos doutores da Lei, pois interpretavam a Palavra de Deus em vista de seus interesses e dos interesses das elites. Seria esse o risco da catequese nas igrejas domésticas de Roma? Sem uma catequese que liberta, a comunidade se amolda às estruturas deste mundo.

4. Em quarto lugar vem o **aconselhamento**: “*se é de aconselhar, aconselhe*” (v. 8a). O aconselhamento estava

bem próximo ao ensino, sendo uma decorrência deste. A catequese apontava os rumos para a comunidade. O aconselhamento era o modo de viabilizar, acompanhar e estimular a caminhada, procurando estabelecer uma linha de coerência com a prática de Jesus. Sem o aconselhamento a comunidade podia facilmente se acomodar às estruturas deste mundo.

5. Em quinto lugar vem a **partilha**: “*se é de distribuir donativos, faça-o com simplicidade*” (v. 8b). A expressão “distribuir donativos” pode ter dois sentidos: refere-se à assistência social (opção pelos pobres) e refere-se também à distribuição dos próprios bens (propriedades), como nos relatam os Atos dos Apóstolos. Os dois sentidos estão presentes nesse dom. Importante é notar como Paulo aconselha as pessoas que têm esse dom a que o exerçam com simplicidade, sinal de que a partilha podia ser vista como meio de ambicionar posições importantes na comunidade ou como meio de angariar reconhecimentos. Sem a partilha as comunidades se amoldam às estruturas deste mundo.

6. Em sexto lugar vem a **presidência da comunidade**: “*se é de presidir à comunidade, faça-o com zelo*” (v. 8c). A expressão “presidir à comunidade” também pode ter dois sentidos: o primeiro é exercer o cargo de liderança. O segundo tem conotação social. As comunidades

primitivas eram compostas, em sua maioria, de pobres. Qual seria a função das pessoas de condição social elevada? Prover às necessidades dos que nada possuíam. Neste caso, retorna o tema da partilha dos bens entre todos. E Paulo pede que isso seja feito com zelo. A presidência que não leva em conta o serviço e a partilha força a comunidade a se amoldar às estruturas deste mundo.

7. Em sétimo lugar vem a **prática da misericórdia**: “*se é de exercer misericórdia, faça-o com alegria*” (v. 8d). A prática da misericórdia está ligada ao cuidado dos doentes, pobres, idosos e deficientes da comunidade. É entregar o coração aos que, por um motivo ou outro, se sentem ou são postos à margem da sociedade. Paulo pede que isso seja feito “com alegria”, requisito indispensável tanto para quem se põe a serviço quanto para quem é beneficiado pela prática da misericórdia. Sem isso a comunidade estaria se amoldando às estruturas deste mundo.

III. Os desafios da diversidade (12,3-5.9-21)

A diversidade de dons é sem dúvida o grande tesouro de qualquer comunidade. Contudo, há sempre o risco de fazer do dom um fim em si mesmo. Paulo sabia disso e conhecia os conflitos que esse risco podia gerar. Por isso, antes mesmo de apresentar os “sete dons”

já põe o princípio que ilumina o exercício dos ministérios: “*Não tenham de si mesmos conceito maior do que convém, mas um conceito justo, de acordo com a fé, na medida que Deus concedeu a cada um*” (12,3). Por trás desse princípio podemos intuir a quais resultados chega uma comunidade quando as pessoas fazem do dom um fim em si mesmo, ou seja, quando se servem daquilo que Deus lhes deu para a própria projeção. Paulo afirma que Deus concedeu uma “medida” a cada um. Qual seria essa medida? Em primeiro lugar, a consciência de que o dom vem de Deus: é ele quem o concede gratuitamente. Em segundo lugar, a consciência de que o dom de Deus deve ser partilhado gratuitamente entre todos, e não servir à ambição das pessoas. Em terceiro lugar, a certeza de que “minha medida” se completa com a “medida do outro”, formando a totalidade dos dons que Deus concedeu à comunidade.

Portanto, se é necessário fazer uma auto-avaliação, não é comparando-me com os outros – para me sentir superior ou inferior a eles –, mas avaliando-me segundo a medida que Deus me concedeu (dom) enquanto membro de uma comunidade.

Para explicar esse último aspecto, Paulo emprega a imagem do corpo, aqui menos desenvolvida que a de 1Cor 12. A comunidade é um corpo social, o corpo de

Cristo: “Num só corpo há muitos membros, e esses membros não têm todos a mesma função. O mesmo acontece conosco: embora sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo, e, cada um por sua vez, é membro dos outros” (12,4-5). É interessante notar que a comunidade não é somente o corpo de Cristo. Mais ainda, o outro é membro do meu corpo, e eu sou membro do corpo dele.

A seguir (12,9-21), vem uma série de orientações, a fim de que o “corpo social” se mantenha unido, saudável, e seja um sacrifício vivo que agrada a Deus. A primeira orientação diz respeito ao *amor fraterno* (vv. 9-10). A seguir vem o *zelo*, ou seja, o esforço para pôr em prática o dom recebido (v. 11); depois disso, *a alegria, a paciência, a perseverança* (v. 12), *a solidariedade* e *a hospitalidade* (v. 13), *o amor aos inimigos* (v. 14), *a partilha dos sentimentos* (v. 15) e *a harmonia com todos* (v. 16a). É uma espécie de *decálogo positivo* que visa à construção do “corpo social”, a comunidade. Por trás dessas orientações positivas é possível perceber os riscos que a diversidade poderia provocar: quando os dons se tornam fins em si mesmos a comunidade deixa de ser o corpo onde os membros dependem uns dos outros para viver. Voltamos novamente às estruturas deste mundo.

Há também uma série de orientações que iniciam com um “não” e apresentam uma alternativa que inicia

com um “mas”: não se deixar levar pela mania de grandeza, mas buscar as coisas modestas (v. 16b), não se considerar sábios (v. 16c), não pagar o mal com o mal, mas fazer o bem a todos (vv. 17-18), não fazer justiça com as próprias mãos, mas deixar que Deus faça justiça (vv. 19-20), e não se deixar vencer pelo mal, mas vencer o mal com o bem (v. 21). Também nessa série de orientações é possível intuir o que acontece numa comunidade em que as pessoas competem por cargos, status ou privilégios. E algumas questões ficam de pé: Em que a comunidade se diferencia das estruturas deste mundo? Vale a pena viver assim? Que liturgia podemos celebrar nesse caso?

PARA REFLETIR

Pe. Benito Spoletini

Paulo, a comunidade de Jesus e a nossa comunidade

(Constituições e Diretório, arts. nn. 14-21)

I. Textos para a reflexão

- * A comunidade: um organismo vivo: 1Cor 12,12-20
- * Diversidade, comunhão, unidade: Rm 12,4-8; 1Cor 12,1-11
- * O amor, alma da comunidade: 1Cor 13,1-3
- * O amor de todos os dias, concreto: 1Cor 13,4-7
- * O amor para com todos: Rm 12,9-21
- * O clima da comunidade fraterna: Cl 3,1-17
- * Comunidade laboriosa: 1Ts 4,11; 2Ts 3,6-13
- * Comunidade alegre: Fl 4,4-9
- * Ecologia da comunidade: Ef 4,25-32; 5,3-21; e Ef 5,1-2 (positivo)

* A primitiva comunidade de Jesus: At 2,42-47; 4,32-35.

II Perguntas

1. *Qual a minha idéia de comunidade:* refúgio, hospedaria, ou grupo de irmãos consagrados para a missão, a caminho para a casa de Deus Pai? Vejo e vivo a comunidade como lugar de exercício do amor fraterno? Uma pequena Igreja? O que faço para melhorar concretamente a convivência em minha comunidade? Minha comunidade é “comunicativa”, por ex.: informo sobre minhas atividades e me sinto informado? Nas reuniões, presto com simplicidade o meu contributo construtivo e aceito cordialmente as decisões? Sou fiel no cumprimento do “projeto comunitário” ou me esquivo facilmente? Fujo dos sacrifícios comunitários, aceitando unicamente o que é agradável?

2. *A comunidade é obra de todos e de todos os dias;* devo, portanto, ver se tomo parte na oração comum, nos trabalhos comuns; devo examinar o emprego do “tempo livre” - leitura, TV, esportes, encontros culturais, descanso. Tenho paciência com os outros, os acei-

to - anciãos, doentes...? Aceito os demais e partilho com eles?

3. *A comunidade que reza unida permanece unida.* Participo da oração comum ou dispenso-me facilmente? Sou capaz de trabalhar em equipe ou faço discriminações, prejudicando a eficácia da missão? Tenho um conceito exato do papel da “autoridade” na comunidade? Facilito o exercício do seu ministério de comunhão? Colaboro cordialmente?

4. *A comunidade deve testemunhar e antecipar “os valores do Reino”.* Colaboro com meu exemplo, crio um clima de alegria, faço com que seja contagiosa, também vocacionalmente? Tudo isso me leva a cultivar uma formação pessoal permanente e a estimulá-la entre os irmãos? As minhas relações com a Família Paulina: sérias, fraternas, construtivas, em condições de participar em iniciativas missionárias comuns, em alegrias e sofrimentos? Sou pessoa de união, de comunhão?

5. *Tendo em vista a “conversão”, exame sobre os “pecados da comunidade”:* a incomunicação, o “etiquetar”, a indiferença, o infantilismo, a incompreensão, as críticas

corrosivas, a falta de uma “opinião pública amadurecida”.

6. *Descobrir os dons presentes em minha comunidade.* Depois, refletir: qual é a medida que usamos para avaliar nossa caminhada?

VIGÍLIA
ANO PAULINO
a comunidade: unidade na diversidade
para o mês de Agosto

1. Mantra

Melodia de *Teu sol não se apagará*

Deus nos escolheu em Cristo,
Abençoou, predestinou e libertou
Nos fez conhecer o mistério
E com o espírito, nos marcou.

2. Chegada – silêncio, oração pessoal

(luzes apagadas)

3. Abertura

- Louvai ao Senhor, ó nações, louvai! (bis)
 - Povos do universo, a Deus glorificai! (bis)
 - Seu amor por nós, firme para sempre! (bis)
 - Sua fidelidade dura eternamente! (bis)
- (acendem-se as luzes)
- Para nós brilhou a luz da verdade! (bis)
 - Vimos o esplendor de sua claridade! (bis)

- A luz se levanta, santos, exultai! (bis)
 - Alegres no Senhor, vinde, celebrai! (bis)
- (oferta-se incenso)
- Suba nosso incenso a ti, ó Senhor! (bis)
 - Este louvor pascal se oferta com amor! (bis)
 - No Ano Paulino queremos celebrar! (bis)
 - Paulo e seus relatos e nos alegrar! (bis)
 - Para mim, viver é Cristo Jesus! (bis)
 - Morrer pra mim é lucro, minha glória, a cruz! (bis)
 - Nossas mãos orantes para vós subindo! (bis)
 - Cheguem como oferenda ao som deste hino! (bis)
 - Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito! (bis)
 - Glória à Trindade Santa, glória ao Deus Bendito! (bis)
 - Glória a vós, Senhor, pelo vosso Santo! (bis)
 - Ó Deus, vos ofertamos este nosso canto! (bis)

4. Recordação da vida

O dirigente da vigília convida os irmãos a lembrar dos momentos marcantes da história das comunidades cristãs desde o início, da congregação e da nossa família.

5. Hino

1. Deus vos salve Deus! Deus vos salve Deus! Deus salve o universo onde mora Deus.

2. Deus vos salve Deus! Deus vos salve Deus! Deus salve a Europa onde mora Deus.

3. Deus vos salve Deus! Deus vos salve Deus! Deus salve a Oceania onde mora Deus.

4. Deus vos salve Deus! Deus vos salve Deus! Deus salve a Ásia onde mora Deus.

5. Deus vos salve Deus! Deus vos salve Deus! Deus salve a América onde mora Deus.

6. Deus vos salve Deus! Deus vos salve Deus! Deus salve o Brasil onde mora Deus.

7. Deus vos salve Deus! Deus vos salve Deus! Deus salve a Família Paulina onde mora Deus.

6. Salmo 34(33)

Bendirei ao Senhor todo tempo, / minha boca vai sempre louvar, / a minh'alma o Senhor glorifica / os humildes irão se alegrar.

1. Vamos juntos dar glória ao Senhor / e ao seu nome fazer louvação. / Procurei o Senhor; me atendeu, / me livrou de uma grande aflição.

Olhem todos pra ele e se alegrem, / todo o tempo sua boca sorria. / Este pobre gritou e ele ouviu, / fiquei livre da minha agonia.

2. Acampou na batalha seu anjo, / defendendo seu povo e o livrando, / provem todos, pra ver como é bom, / o Senhor que nos vai abrigando.

Povo santo, adore o Senhor, / aos que temem nenhum mal assalta. / Quem é rico empobrece e tem fome, / mas a quem busca a Deus, nada falta.

3. Ó meus filhos, escutem o que eu digo / pra aprender o temor do Senhor. / Quem de nós que não ama sua vida, / e a seus dias não quer dar valor?

Tua língua preserva do mal / e não deixes tua boca mentir. / Ama o bem e detesta a maldade / vem a paz procurar e seguir.

4. Sobre o justo o Senhor olha sempre / seu ouvido se põe a escutar; / que teus olhos se afastem dos maus, / pois ninguém deles vai se lembrar.

Deus ouviu quando os justos chamaram / e livrou-os de sua aflição. / Está perto de quem se arrepende, / ao pequeno ele dá salvação.

7. Acolhida da Palavra

Envia tua palavra, / palavra de salvação, / que vem trazer a esperança / aos pobres libertação.

1. Tua palavra de vida, é como a chuva que cai, / que torno o solo fecundo, / que faz nascer a semente. / É

água viva da fonte, / faz florir o deserto, / é uma luz no horizonte / é novo caminho aberto.

8. Leitura bíblica

(Evangelho do dia)

9. Silêncio

10. Partilha

11. Responso

Única dívida, o amor (pe. Bortolini)

(Melodia: “Eis que sou o pão da vida”)

Nada devam a ninguém / A não ser o mútuo amor, / pois o amor é a plenitude / dos preceitos do Senhor. (Rm 13,8-10)

1. Ofereçam o seu corpo / como sacrifício vivo, / oferta agradável, / culto autêntico e perfeito.
2. Não se amoldem a este mundo, / mas transformem sua mente, / pra descobrir qual projeto / o bom Deus deixou pra gente. (Rm 12,1-2)
3. Um amor sem fingimento, / “não” ao mal e “sim” ao bem, / caridosos uns com outros, / pois é isso que convém.
4. Bem alegres na esperança, / resistindo contra as dores, / na oração perseverantes, / quais irmãos acolhedores. (Rm 12,9-13)

5. Abençoem quem persegue / sem jamais desanimar, / pra sorrir com quem se alegra / e a dor compartilhar.

6. Busquem sempre a harmonia / sem manias de grandeza, / no que é simples e modesto / saibam encontrar riqueza. (Rm 12,14-16)

7. Se o inimigo tiver fome, / se a sede o acometer, / dê-lhe água, alimento, / pra que o bem possa vencer.

8. Não permita que o mal / dê a última sentença. / Pague o mal com bem maior / pra que o amor um dia vença. (Rm 12,20-21)

12. Preces

“Correram-se vários e diferentes riscos: pessoais, econômicos; acusações através de relatos escritos e verbais; viviam-se dias e dias em perigo! São Paulo foi sempre a salvação” (AD, 164)

São Paulo apóstolo, que evangelizastes o mundo inteiro, com vossa doutrina e caridade, olhai com bondade para nós, vossos filhos e discípulos. Tudo esperamos da vossa intercessão junto ao Mestre divino e a Maria, Rainha dos Apóstolos.

Fazei, ó doutor dos gentios, que vivamos de fé e nos salvemos pela esperança, e que a caridade reine em nossos corações. Obtende-nos, ó vaso de eleição, que saibamos corresponder plenamente à graça divina, para que ela frutifique em nós!

Fazei que vos possamos conhecer, amar e seguir sempre melhor. Que sejamos membros vivos da Igreja, corpo místico de Jesus Cristo.

Suscitai muitos e santos apóstolos! Como um sopro de vida e calor, que se propague no mundo o amor verdadeiro. Que todos conheçam e glorifiquem a Deus e ao Mestre Divino, Caminho, Verdade e Vida.

E vós, Senhor Jesus, que conheceis nossa fraqueza, concedei-nos, pela vossa misericórdia, que sejamos defendidos contra toda a adversidade, pela poderosa intercessão do apóstolo Paulo, nosso mestre e pai. Amém.

13. Pai-nosso

14. Oração

Senhor, nosso Deus, que no vosso amor pelos homens escolheste e enviastes o Apóstolo Paulo a anunciar o Evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado, concedei-nos, a nós que o honramos como inspirador e Pai, a graça de o imitarmos na divulgação da Palavra que salva os homens do nosso tempo. Por Nosso Senhor Jesus Cristo vosso filho que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo. **Amém.**

15. Bênção

Vötemos nosso corpo e estendamos nossa mão em direção ao oriente, onde nasce o sol. Peçamos a paz para todos os povos que ali vivem. (pausa)

O Deus de toda luz fortaleça a nós e a todas as pessoas e grupos que se empenham pela paz no mundo.

Amém!

Vötemos nosso corpo e estendamos nossa mão em direção ao ocidente, onde o sol se põe. Peçamos a paz para todos os povos que ali vivem. (pausa)

O Deus, força e energia do universo, liberte-nos de todos os males e perigos e livre os povos das guerras e discórdias. **Amém!**

Vötemos nosso corpo e estendamos nossa mão em direção ao sul, onde vivem as nações pobres. Peçamos a paz para todos os povos que ali vivem. (Pausa)

O Deus dos fracos nos faça lutar sempre contra toda injustiça. **Amém!**

Abençoe-nos o Deus de toda paz, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. **Amém!**

16. Canto

Quem nos separará? / Quem vai nos separar / do amor de Cristo, / quem nos separará? / Se Ele é por nós, / quem será, quem será contra nós? / Quem vai nos separar do amor / de Cristo quem será?

1. Nem a angústia, nem a fome, / nem nudez ou tribulação, / perigo ou espada, toda perseguição!

2. Nem a morte, nem a vida, / nem os anjos, dominações, / presente e nem futuro, poderes e nem pressões!